

XVI

UM DIÁLOGO COM STEFANI BUENDÍA*¹

Emanuela Oliveira de Almeida Barros

Não foi exatamente assim, meu primeiro caso de violência sexual intrafamiliar infantil, mas Shirley Paixão (EVARISTO, 2011) poderia ter sido uma das mulheres que atendi como advogada do CREAS/Sorocaba. Shirley Paixão, me lembrou Stefani Buendía.

Meu primeiro caso, foi de uma menina de apenas um ano e dez meses, que ainda usava fraldas e que a mãe confiou os cuidados ao padrasto agressor. Nas fotos da fralda ensanguentada, nos vestígios da violência sexual perpetrada, na dor daquela criança, que rezo para um dia conseguir esquecer as inefáveis sequelas da brutalidade humana que sofreu, ainda reside meu espanto de dor. O laudo de exame de corpo de delito atestou que houve cópula vaginal e anal, e que o órfico anal e a vagina precisariam de reconstrução. Fiquei dias imaginando porque um homem é capaz de sentir prazer em desfigurar uma criança. Anos depois o feminismo me deu a resposta, estupro nada tem com prazer, é sentimento de posse, coisificação e dominação da mulher.

Atendi outro caso em que o pai começou a molestar a filha quando ela ainda tinha seis anos de idade, mas ela não conseguiu distinguir carinho de violência sexual e sufocou aquilo por anos. Quando foi a vez da filha passar por isso, a violência voltou com tudo, ela não podia acreditar que aquele pai que agora era avó, tivesse feito isso com sua filha também, a sua primeira reação foi matar aquele monstro, pois se lembrou do que também tinha passado, das noites em que o pai a bulinava a ponto de deixar sua vagina em carne viva, do líquido branco e de gosto ruim que

*DOI - 10.29388/978-65-86678-12-3-f.269-272

¹ Este capítulo é uma reflexão-memória resultante de um dos trabalhos da disciplina “Gênero e Diversidades Sexual no Contexto Escolar” do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-So) da UFSCar, campus Sorocaba, ministrada pela Profa. Viviane Melo de Mendonça, em 2019. O trabalho consistia em fazer um ensaio sobre uma das personagens do livro *Insubmissas lágrimas de mulher* de Conceição Evaristo (2011).

era submetida a engolir, das vezes que se sentava no colo dele em busca de afeto e carinho e que o pai ejaculava em seu vestidinho de tergal. Ela quis matar o pai, pois não era mais ela a vítima indefesa que sufocou na memória os anos de violência sexual, precisava defender a filha, não repetir os erros da sua mãe que nada percebeu, que nunca fez nada para impedir, que não tinha recursos para enfrentar o marido abusador, quando lembrou de tudo, percebeu que não era o pai o único agressor, mais uma vez a mãe dela intercedeu e pediu para que ela não denunciasse o pai, pois ele era um homem de bem e temente a Deus.

Outra vez atendi uma menina que já tinha tentado se matar três vezes, vi no seu insucesso um apelo e resolvi escutar a sua dor com mais atenção, não tenho formação técnica, sou uma simples advogada, mas tenho a escuta afiada e percebo quando algo não está certo. Aquela adolescente, que era acompanhada pela mãe e pelo padrasto, todos muitos diligentes e interessados no seu tratamento, pedia socorro através dos cortes no pulso. Um dia pedi que viesse sozinha sem a mãe e o padrasto, nesse dia ela teve coragem de dizer que desde os doze anos, o marido da sua mãe a agredia sexualmente. As investidas sexuais começaram ao mesmo tempo que seu corpo mudou, primeiro ele passou a elogiar seus seios e dizer que eram rosados e firmes bem diferentes da sua mãe que já não mais lhe interessava. Depois passou a lhe oferecer massagens com óleos relaxantes que dizia ser uma forma de aliviar suas cólicas menstruais.

Quase ao mesmo tempo o padrasto passou a ter um ciúme doentio dela, não deixava mais ela brincar na rua nem ir à casa de amigos, nenhum homem podia ter contato com ela e a desculpa era que agora ela tinha “virado mocinha” e ele não queria nenhum gavião por perto. Mas o pior veio depois quando ele passou a frequentar seu quarto de madrugada com a desculpa de ir cobri-la. Antes de sair ele passava a mão por seu corpo todo e dizia que ela era seu “Viagra”. Até que um dia a mãe participou de um retiro espiritual e ele “a fez mulher”, depois de saciado deixou ela chorando na cama toda suja e ensanguentada, ela tinha apenas 13 anos de idade. Aos 15 já não ia mais tão bem na escola e começou a se descuidar da aparência, a mãe achava que a culpa era as músicas depressivas que ela passou a ouvir e, ainda, o fato dela não ir mais a igreja. Um médico amigo receitou os primeiros antidepressivos, mas nada ajudou,

ela pensou em contar para a mãe, mas a mãe era apaixonada pelo marido, que além de provedor da casa, a ameaçava de colocá-la num “hospício”. Ela não tinha saída, a não ser cortar os pulsos.

Também atendi uma menina que teve coragem de buscar ajuda, depois de sofrer todo tipo de violência doméstica, pois os pais eram usuários de drogas e devido a dívida com o traficante cedeu a filha para quitá-la, após disso passou a usar a menina como mulher, já que o craque tinha destruído a beleza da mãe, ele queria carne nova. Essa menina era obrigada a catar papelão, cuidar das irmãs mais novas e empacotar “frascos” de cocaína para o traficante durante o dia, e à noite, servir aos prazeres carnis do pai. Ela tudo aguentou com apenas 14 anos. Mas foi no dia que o pai se engraçou pela irmã mais nova que ela puxou o facão e impediu que o pai fizesse com a irmã o mesmo que fez com ela. Stefani deu uma de Shirley Paixão.

Dia desses eu recebi uma ligação dela, dizendo que foi adotada junto com as irmãs memores por uma família muito querida, que hoje ela tem um quarto só para ela com uma estante cheia de livros e que guarda o que eu dei ali também. Ela me disse que está estudando muito e que quer ser advogada pra poder ajudar outras mulheres a nunca mais passar pelo que ela passou. Eu chorei, mas desta vez foi de felicidade.

Referência

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulher**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.